

PERIOCRÍTICA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

PERIOCRÍTICA: A DIDACTIC SEQUENCE FOR THE DEVELOPMENT OF CRITICAL THINKING IN CONTEMPORARY EDUCATION

Gladison Luciano Perosini ¹

1. Doutorando em Ciências da Educação pela
Universidad Leonardo Da Vinci – Paraguai
E-mail: gladisonperosini@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5335228504741832>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1086-8714>

RESUMO: Este artigo apresenta e fundamenta a Periocritica, concebida como uma sequência didática estruturada para o desenvolvimento do pensamento crítico na educação contemporânea. Elaborada a partir de um estudo bibliográfico e reflexivo, a proposta estabelece diálogo entre autores clássicos (Freire, Bourdieu, Passeron) e contemporâneos (Giroux, Apple, Boaventura de Sousa Santos), situando-se no campo das pedagogias críticas. A Periocritica organiza o processo de aprendizagem em três etapas interdependentes: produção inicial, que mobiliza os saberes prévios dos estudantes; discussão crítica, que fomenta o diálogo e a problematização da realidade; e reconstrução reflexiva, momento em que o estudante reelabora suas compreensões e propõe novas interpretações do mundo. Como contribuição principal, a proposta oferece um caminho didático-metodológico para a formação crítica e emancipadora, incentivando práticas docentes comprometidas com a transformação social. Conclui-se que, embora situada no campo teórico-propositivo, a sequência representa um avanço conceitual ao integrar criticidade, diálogo e reconstrução como eixos estruturantes da aprendizagem; recomenda-se sua validação empírica em distintos contextos escolares para consolidá-la como metodologia crítica e transformadora. **Palavras-chave:** pedagogia crítica; Epistemologias do Sul; formação docente; pensamento crítico; cultura digital.

ABSTRACT: This article presents and substantiates Periocritica, conceived as a didactic sequence structured to foster the development of critical thinking in contemporary education. Developed from a bibliographic and reflective study, the proposal establishes dialogue between classic authors (Freire, Bourdieu, Passeron) and contemporary thinkers (Giroux, Apple, Boaventura de Sousa Santos), situating itself within the field of critical pedagogies. Periocritica organizes the learning process into three interdependent stages: initial production, which mobilizes students' prior knowledge; critical discussion, which promotes dialogue and the problematization of reality; and reflective reconstruction, a stage in which students rework their understandings and propose new interpretations of the world. As its main contribution, the proposal offers a didactic-methodological pathway for critical and emancipatory education, encouraging teaching practices committed to social transformation. It is concluded that, although situated in the theoretical-propositional field, the sequence represents a conceptual advance by integrating criticality, dialogue, and reconstruction as structuring axes of learning; empirical validation in different school contexts is recommended to consolidate it as a critical and transformative teaching methodology. **Keywords:** critical pedagogy; Epistemologies of the south; teacher education; critical thinking; digital culture.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta desafios que extrapolam a dimensão técnica do ensino e recolocam em debate a própria finalidade da escola como espaço de emancipação. Embora os avanços tecnológicos e as reformas curriculares tenham ampliado o acesso à informação, persiste uma lacuna decisiva: a ausência de práticas pedagógicas que integrem de forma sistemática o pensamento crítico como eixo estruturante da aprendizagem. Como advertiu Freire (1970), a escola corre o risco de reduzir-se à lógica da *educação bancária*, na qual o estudante ocupa uma posição passiva, em vez de sujeito ativo do conhecimento. Bourdieu e Passeron (1975) reforçam esse diagnóstico ao mostrar que, sem práticas críticas, a instituição escolar tende a reproduzir desigualdades sociais. Habermas (1984) acrescenta que apenas uma racionalidade ancorada no diálogo pode sustentar a dimensão emancipatória da educação.

Com a emergência da era digital, a complexidade do cenário educacional se intensifica. A onipresença das plataformas digitais não apenas redefine os modos de acesso à informação, mas também impõe novas e sutis mediações à autonomia intelectual. Nesse contexto, o conceito de “indústria cultural”, originalmente formulado por Adorno e Horkheimer (1947), adquire novas e preocupantes feições no processo de plataformação da educação. Aqui, algoritmos e interesses corporativos exercem influência crescente sobre currículos e pedagogias, convertendo o saber em mercadoria (Van Dijck, Poell e De Waal, 2018). Essa mercantilização, aliada à hegemonia de epistemologias eurocêntricas, sublinha a urgência de uma pedagogia que não apenas resista a tais dinâmicas, mas que promova ativamente a *justiça cognitiva* (SANTOS, 2022), entendida como o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos produzidos fora dos centros hegemônicos, especialmente aqueles oriundos do Sul Global.

Autores contemporâneos convergem em reforçar essa necessidade. Giroux (2020) destaca o papel da pedagogia crítica em resistir às forças neoliberais que instrumentalizam a escola; Apple (2021) alerta para ideologias que naturalizam desigualdades no currículo; Mayo (2021) defende práticas decoloniais que desestabilizem referenciais eurocêntricos; Biesta (2022) resgata a esperança como categoria pedagógica essencial à função formativa da escola; e Hooks e Carillo (2022) reatualizam a educação como prática da liberdade, enfatizando metodologias dialógicas e transformadoras. Essa produção teórica é consistente, contudo, ainda carece de sistematizações didáticas concretas que façam da crítica o núcleo do processo formativo, e não apenas um horizonte discursivo.

É nesse contexto que se insere a presente proposta, cujo propósito é apresentar e fundamentar a Periocritica como uma sequência didática voltada ao desenvolvimento do pensamento crítico na educação contemporânea. Estruturada em três etapas interdependentes: produção inicial, discussão crítica e recons-

trução reflexiva, a sequência propõe um percurso formativo no qual o estudante deixa de ser mero receptor de conteúdos para tornar-se protagonista da construção do conhecimento.

A relevância desta investigação manifesta-se em três dimensões complementares. No plano teórico, oferece uma síntese articulada entre as pedagogias críticas e as demandas da cultura digital; no plano prático, disponibiliza aos educadores uma proposta de aplicação em sala de aula voltada à emancipação discente; E, no plano epistemológico, contribui para o fortalecimento de perspectivas pedagógicas oriundas do Sul Global.

Assim, o presente artigo tem como objetivo apresentar e fundamentar a Periocritica como uma sequência didática voltada ao desenvolvimento do pensamento crítico, discutindo seus fundamentos pedagógicos, suas etapas formativas e seu potencial para ressignificar as práticas docentes e discentes no contexto da educação contemporânea. Para tanto, adota-se como método a revisão bibliográfica crítica e a sistematização conceitual, orientadas pelas seguintes questões: como estruturar uma sequência didática que coloque a crítica no centro do processo de aprendizagem? E de que modo a Periocritica pode contribuir para superar as lacunas da pedagogia crítica frente aos desafios da sociedade digital e das desigualdades sociais?

As bases da pedagogia crítica e seus limites

O debate sobre pedagogia crítica consolidou-se a partir das contribuições de autores clássicos que enxergaram a educação como prática política e social. Entre eles, Paulo Freire (1970) destacou-se ao denunciar a lógica da “educação bancária”, na qual o estudante é tratado como mero depositário de informações. Em contraposição, defendeu a pedagogia do diálogo e da problematização, compreendendo a educação como prática de liberdade. A centralidade do diálogo e da conscientização em Freire é inegável, mas sua obra, embora seminal, não oferece um modelo metodológico explícito para a operacionalização da crítica em ciclos contínuos de aprendizagem, o que a Periocritica se propõe a fazer.

Bourdieu e Passeron (1975) acrescentaram a esse debate a noção de reprodução social, mostrando como a escola, ao invés de ser um espaço neutro, tende a reforçar desigualdades estruturais por meio de mecanismos simbólicos e da imposição cultural. Nesse sentido, o capital cultural e o *habitus* configuram formas de distinção que perpetuam hierarquias sociais. A crítica de Bourdieu e Passeron à reprodução social é fundamental para compreender as dinâmicas de poder na educação, mas sua análise, por vezes, carece de proposições pedagógicas concretas que articulem a denúncia com a transformação, um aspecto que a Periocritica busca endereçar ao propor um ciclo de reconstrução reflexiva.

Já Habermas (1984) contribuiu significativamente ao propor a racionalidade comunicativa como fundamento para uma prática educativa emancipatória. Para o autor, o diálogo genuíno, pautado

no entendimento mútuo e não na dominação, é condição essencial para que os sujeitos possam construir consensos críticos e, a partir deles, transformar suas realidades. Embora a teoria do agir comunicativo de Habermas ofereça uma base sólida para a compreensão do diálogo como ferramenta pedagógica, a transposição de seus princípios para a prática em sala de aula, especialmente em contextos de acentuada desigualdade e assimetria de poder, demanda uma sistematização metodológica mais explícita. É precisamente nesse ponto que a Periocritica se insere, buscando prover um arcabouço prático que operacionalize o diálogo habermasiano em um ciclo de aprendizagem que promova a superação das assimetrias e a construção de uma crítica transformadora.

Esses aportes clássicos constituem a base da pedagogia crítica, enfatizando a centralidade do diálogo, da problematização e da consciência social. Contudo, ainda que fundamentais, eles não respondem por inteiro aos desafios do século XXI, marcados por novas formas de mercantilização e colonização do conhecimento. Além disso, a crítica decolonial aponta para os limites de uma pedagogia crítica que, embora progressista, ainda se fundamenta em uma epistemologia eurocêntrica, negligenciando saberes e experiências de outras partes do mundo. A Periocritica, ao se enraizar no Sul Global, busca superar essa limitação, propondo uma pedagogia que não apenas dialogue com esses clássicos, mas que também os critique e os amplie a partir de uma perspectiva decolonial.

A virada decolonial e as epistemologias do Sul Global

A emergência das epistemologias do Sul Global representa um marco fundamental para a pedagogia crítica, ao questionar a hegemonia do pensamento ocidental e propor a valorização de saberes e práticas produzidos em contextos não eurocêntricos. Boaventura de Sousa Santos (2022) é um dos principais expoentes dessa corrente, defendendo a *ecologia de saberes* como um caminho para a construção de um conhecimento mais plural e emancipatório. A ecologia de saberes pressupõe o reconhecimento da diversidade de conhecimentos, incluindo os saberes populares, tradicionais e indígenas, e a promoção de um diálogo horizontal entre eles, superando a hierarquia imposta pela ciência moderna. Para Santos, a *sociologia das ausências* é uma ferramenta crucial para tornar visíveis os conhecimentos e experiências que foram historicamente invisibilizados ou desacreditados pelo cânone ocidental, abrindo espaço para a emergência de novas possibilidades de futuro.

Outros autores decoloniais, como Walter Dignolo (2011) e Catherine Walsh (2007), aprofundam essa discussão, enfatizando a necessidade de descolonizar o poder, o saber e o ser. Dignolo, com sua teoria da “colonialidade do poder”, argumenta que a colonialidade não se encerrou com o fim do colonialismo, mas persiste em estruturas de poder que perpetuam a subalternização

de povos e conhecimentos. Walsh, por sua vez, destaca a importância da *interculturalidade crítica* como um projeto político e pedagógico que busca a transformação das relações de poder e a construção de sociedades mais justas e equitativas. A Periocritica, ao se inspirar profundamente nessas perspectivas decoloniais, propõe uma pedagogia que transcende o mero reconhecimento da diversidade de saberes. Ela se estrutura para promover ativamente a descolonização do currículo e das práticas pedagógicas, incorporando a *ecologia de saberes* e a *interculturalidade crítica* em suas etapas. Por exemplo, a fase de produção inicial é concebida para validar e mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes, muitos dos quais são oriundos de contextos não hegemônicos. A discussão crítica, por sua vez, fomenta um diálogo horizontal que desafia hierarquias epistêmicas, enquanto a reconstrução reflexiva incentiva a reelaboração do conhecimento a partir de múltiplas perspectivas, valorizando intrinsecamente as vozes e experiências dos estudantes do Sul Global.

Desafios contemporâneos: cultura digital e a necessidade de novas metodologias

Nas últimas décadas, diversos pesquisadores têm revisitado e atualizado os fundamentos da pedagogia crítica diante das transformações sociais e políticas globais, com especial atenção à cultura digital. Henry A. Giroux (2020) reafirma a necessidade de compreender a educação como prática de esperança, capaz de resistir às forças neoliberais que moldam currículos, avaliações e políticas escolares. Giroux alerta para os perigos da instrumentalização da educação pela lógica do mercado, que se intensifica com a proliferação de tecnologias digitais e a plataformação do ensino. Para ele, a pedagogia crítica deve capacitar os estudantes a se tornarem cidadãos críticos, capazes de questionar as narrativas dominantes e de lutar por uma sociedade mais justa.

Michael W. Apple (2021) aprofunda esse debate ao examinar como ideologias de mercado e discursos meritocráticos infiltram-se nas políticas educacionais, reforçando desigualdades em nome da eficiência. Apple destaca como a tecnologia, muitas vezes apresentada como neutra e salvadora, pode ser utilizada para intensificar o controle e a padronização do currículo, marginalizando saberes e experiências que não se encaixam na lógica do capital. Para o autor, a pedagogia crítica precisa denunciar tais processos e oferecer alternativas práticas que promovam a equidade e a justiça social.

Peter Mayo (2021) discute os limites da pedagogia crítica eurocentrada, apontando a necessidade de perspectivas decoloniais que incorporem saberes do Sul Global e questionem as hierarquias epistêmicas. A cultura digital, nesse contexto, pode ser tanto uma ferramenta de colonização quanto de libertação, dependendo de como é utilizada. Mayo argumenta que uma pedagogia crítica verdadeiramente decolonial deve promover

a apropriação crítica das tecnologias, capacitando os estudantes a utilizá-las para a produção de conhecimentos contra-hegemônicos e para a construção de redes de solidariedade global.

Gert Biesta (2022) introduz o conceito de *esperança educacional* como horizonte indispensável para recuperar o sentido formativo da escola em um mundo cada vez mais incerto. Para ele, não basta oferecer conteúdos; é preciso cultivar disposições críticas que permitam imaginar futuros diferentes. No contexto da cultura digital, a esperança educacional se manifesta na capacidade de transcender o consumo passivo de informações e de utilizar as tecnologias para a criação, a colaboração e a transformação social.

Bell Hooks e Juan Carillo (2022) revisitam a noção de educação como prática da liberdade, reforçando a atualidade de metodologias dialógicas e participativas que descentralizam o poder do professor e ampliam a voz dos estudantes. A cultura digital oferece novas possibilidades para a construção de espaços de diálogo e participação, mas também exige uma atenção redobrada para os riscos de exclusão e silenciamento.

A Periocritica, ao promover intensamente a discussão crítica e a reconstrução reflexiva, busca criar um ambiente educacional em que todos os estudantes se sintam plenamente empoderados para expressar suas ideias e para construir coletivamente o conhecimento. No contexto da cultura digital, isso se traduz na capacidade de transcender o consumo passivo de informações, incentivando a apropriação crítica das tecnologias. A metodologia da Periocritica, ao exigir a reelaboração ativa do saber, capacita os estudantes a se tornarem não apenas consumidores, mas produtores de conteúdo e agentes de mudança, utilizando as ferramentas digitais para a criação, a colaboração e a transformação social, em vez de serem meros receptores de narrativas dominantes.

Além desses autores, é crucial considerar as contribuições de Neil Selwyn (2016), que explora a relação complexa entre tecnologia e educação, desmistificando a ideia de que a tecnologia é inerentemente boa ou má, e Tarcízio Silva (2020), que aborda a cultura digital sob uma perspectiva crítica, analisando as dinâmicas de poder e as desigualdades que se manifestam no ambiente *online*. A Periocritica, ao integrar essas perspectivas, pode ser uma ferramenta poderosa para desenvolver a literacia digital crítica dos alunos, capacitando-os a analisar e intervir de forma consciente e transformadora no ambiente digital, transformando-os de meros consumidores em produtores e agentes de mudança.

Lacunas na literatura e emergência da Periocritica

A revisão exaustiva da literatura, abrangendo tanto os pilares clássicos quanto as vozes contemporâneas da pedagogia crítica, evidencia um consenso inegável: a educação, em sua essência, deve ser uma prática de emancipação dos sujeitos. Autores como Freire (1970), Bourdieu e Passeron (1975) e Habermas (1984) estabeleceram as bases teóricas para uma

educação que problematiza, dialoga e resiste à reprodução social. Da mesma forma, pensadores como Giroux (2020), Apple (2021) e Boaventura de Sousa Santos (2022) têm atualizado e expandido essa agenda, incorporando as complexidades da cultura digital e as urgências das epistemologias do Sul Global.

Contudo, apesar da riqueza conceitual e da solidez dos diagnósticos, persiste uma lacuna significativa: a carência de sistematizações metodológicas concretas e operacionalizáveis que traduzam a crítica do plano discursivo para o cerne do processo formativo. Muitas propostas, embora inspiradoras, não oferecem um arcabouço prático que permita aos educadores implementar a pedagogia crítica de forma consistente e cíclica em sala de aula. Observa-se uma ênfase na conscientização e na problematização, mas uma menor atenção à etapa subsequente de reelaboração ativa do conhecimento que garanta a superação efetiva das estruturas de reprodução.

Em síntese, a contribuição proposta consiste em operacionalizar a crítica como processo cíclico de ensino-aprendizagem, garantindo que a problematização desemboque em reelaboração e não apenas em denúncia.

Percurso metodológico e estrutura da sequência didática Periocritica

Este estudo tem caráter teórico-propositivo e fundamenta-se em revisão bibliográfica crítica e sistematização conceitual voltadas à formulação de uma sequência didática de orientação crítica. Mais do que validar empiricamente uma prática, busca explicitar princípios e etapas que possam orientar o trabalho docente e promover uma aprendizagem voltada à emancipação. A Periocritica organiza-se em três momentos cíclicos e interdependentes: produção inicial, discussão crítica e reconstrução reflexiva, assegurando que a crítica se converta em reconstruções capazes de inspirar novas práticas e aprendizagens.

A análise concentrou-se na articulação conceitual e na síntese crítica de referenciais bibliográficos, das quais resultaram as categorias teóricas que sustentam a proposta. Essa abordagem reforça a coerência entre os objetivos e fundamentos da sequência e evidencia a Periocritica como um modelo teórico capaz de integrar reflexão e ação pedagógica de forma contínua.

Procedimentos de análise teórico-conceitual

Os referenciais foram analisados por leitura exploratória, análise temática e síntese analítico-conceitual. Esse percurso permitiu organizar a proposta em um modelo didático cíclico que articula conhecimentos prévios, problematização dialógica e reelaboração de compreensões, preservando clássicos fundacionais e incorporando aportes contemporâneos da cultura digital e das epistemologias do Sul.

O que é a Periocritica

A Periocritica é uma proposta metodológica que tem como princípio central a ideia de que todo conhecimento deve girar em torno da crítica. O termo *Periocritica* deriva da junção de *peri* (ao redor) e *crítica*, indicando que a crítica não é uma etapa isolada ou complementar, mas o centro estruturante da aprendizagem.

Na prática, a Periocritica se desdobra em três movimentos: na produção inicial, o professor apresenta um tema ou problema e os alunos expressam seu conhecimento prévio, funcionando como diagnóstico e ativação dos saberes existentes, em sintonia com a concepção freireana de que o conhecimento prévio é ponto de partida para a problematização (Freire, 1970). Na discussão crítica, o professor estimula um debate aprofundado, confrontando perspectivas e articulando o tema com a realidade social, em ressonância com a racionalidade comunicativa de Habermas (1984) e com a proposta de Hooks e Carillo (2022) de uma educação como prática da liberdade. Por fim, na reconstrução reflexiva, os alunos reelaboram suas compreensões iniciais a partir do debate, produzindo um conhecimento mais complexo e consciente. Essa etapa é essencial para superar a reprodução de desigualdades, como alertaram Bourdieu e Passeron (1975), e para promover a justiça cognitiva, conforme defendido por Boaventura de Sousa Santos (2022).

Esse ciclo é contínuo e circular, aplicável a qualquer conteúdo ou área do conhecimento. Sua essência está em assegurar que nenhum aprendizado se encerre na mera repetição ou memorização, mas que todo processo formativo resulte de reflexão crítica e emancipadora.

Cenários de Aplicação da Periocritica

A fim de ilustrar a operacionalização da Periocritica, apresentamos dois cenários hipotéticos que demonstram a aplicação de suas etapas em contextos distintos de sala de aula. Os cenários são proposições hipotéticas, derivadas das categorias analíticas, e cumprem função ilustrativa da aplicabilidade da sequência.

No primeiro cenário, focado no Ensino Médio e na disciplina de História, abordando o tema da Ditadura Militar no Brasil, a Produção Inicial convida os estudantes a expressarem seus conhecimentos prévios sobre o assunto. Isso pode ser feito por meio de uma roda de conversa, um mapa mental coletivo ou a escrita de um pequeno texto livre. O professor, nesse momento, não corrige, mas registra as percepções iniciais, que podem incluir informações de senso comum, narrativas familiares ou dados históricos fragmentados.

Em seguida, na etapa de Discussão Crítica, a partir das produções iniciais, o professor introduz diferentes fontes e perspectivas sobre o período, como documentos históricos, depoimentos de vítimas e agentes, análises de historiadores com diferentes

abordagens, canções e filmes. A discussão é mediada para que os estudantes identifiquem contradições, questionem as narrativas dominantes e compreendam a complexidade do tema, promovendo a problematização das informações e a desconstrução de visões simplistas ou hegemônicas. O diálogo é incentivado, permitindo que os alunos confrontem suas próprias ideias com as novas informações e com as perspectivas dos colegas.

Por fim, na Reconstrução Reflexiva, após a discussão crítica, os estudantes são desafiados a reelaborar suas compreensões iniciais. Isso pode envolver a produção de um ensaio crítico, a criação de um podcast com diferentes pontos de vista, a elaboração de um projeto de pesquisa sobre um aspecto específico da ditadura ou a organização de um debate simulado. O foco não é apenas na aquisição de novos fatos, mas na capacidade de sintetizar, analisar criticamente e expressar uma compreensão mais profunda e multifacetada do tema, superando as visões iniciais e demonstrando a internalização da crítica.

No segundo cenário, voltado para o Ensino Fundamental e a disciplina de Ciências, com o tema do Ciclo da Água e Crise Hídrica Local, a Produção Inicial solicita que as crianças desenhem ou descrevam o que sabem sobre a água, de onde ela vem e para onde vai. Podem ser feitas perguntas como: *Onde usamos água em casa?* Ou *O que acontece quando chove?* O objetivo é ativar o conhecimento empírico e as percepções iniciais sobre o tema.

Posteriormente, na Discussão Crítica, o professor apresenta dados sobre o consumo de água na comunidade, a situação dos rios locais, notícias sobre a crise hídrica e diferentes perspectivas sobre o uso sustentável da água, envolvendo cientistas, ativistas e moradores. A discussão é guiada para que as crianças percebam a interconexão entre o ciclo natural da água e as ações humanas, problematizando o consumo excessivo e a poluição, sendo incentivadas a fazer perguntas e a expressar suas preocupações.

Finalmente, na Reconstrução Reflexiva, com base na discussão, as crianças são convidadas a criar soluções para a crise hídrica em sua escola ou comunidade. Isso pode ser a elaboração de cartazes de conscientização, a criação de um pequeno projeto de captação de água da chuva, a escrita de uma carta para as autoridades locais ou a produção de uma peça teatral sobre o uso consciente da água. A reconstrução aqui se manifesta na aplicação prática do conhecimento crítico para propor ações concretas e transformadoras.

O que a Periocritica propõe

A proposta da Periocritica é transformar a crítica em eixo permanente do processo pedagógico, rompendo com a noção de neutralidade do conhecimento e reconhecendo que todo saber é atravessado por ideologias e relações de poder, como já analisado por Apple (2021) ao discutir a penetração de ideologias de mercado na educação. Também valoriza o estudante como sujeito histórico capaz de produzir interpretações

e intervir em sua realidade, em consonância com a pedagogia da autonomia proposta por Freire (1970).

Para os professores, a Periocritica oferece uma estrutura metodológica replicável, que ultrapassa princípios abstratos e permite aplicação prática em sala de aula, preenchendo lacunas metodológicas na literatura. Além disso, articula a formação intelectual ao compromisso ético-político de construção de uma sociedade mais justa, alinhando-se às contribuições de Giroux (2020) sobre a necessidade de resistir às forças neoliberais e de Mayo (2021) acerca da incorporação de perspectivas decoloniais na pedagogia crítica.

Objetivos da Periocritica

A Periocritica, concebida como uma sequência didática voltada ao desenvolvimento do pensamento crítico, orienta-se por finalidades formativas que buscam a emancipação intelectual e social dos estudantes. Seu propósito central consiste em favorecer a formação de sujeitos autônomos e críticos, capazes de compreender a realidade e intervir de modo consciente e transformador sobre ela. Essa proposta estrutura-se em torno de dimensões pedagógicas que articulam teoria e prática, promovendo a reflexão, o diálogo e a ação emancipadora como eixos do processo de aprendizagem. Entre suas principais diretrizes formativas destacam-se o desenvolvimento do pensamento crítico, fortalecendo a capacidade de análise, reflexão e argumentação autônoma diante das complexidades da cultura digital (Selwyn, 2016; Silva, 2020); a promoção da autonomia discente, incentivando os estudantes a construir o próprio conhecimento e superar a lógica bancária de ensino criticada por Freire (1970); a superação da fragmentação do saber, integrando conteúdos e disciplinas em uma perspectiva de totalidade crítica; e o aprimoramento da formação docente, capacitando professores a atuarem como intelectuais transformadores, conforme a concepção defendida por Giroux (2020). Essas dimensões, articuladas na tríade cíclica produção inicial, discussão crítica e reconstrução reflexiva, configuram o eixo estruturante da Periocritica como sequência didática crítica e emancipadora, que visa ressignificar o papel da escola na construção de uma consciência social, ética e politicamente engajada.

Bases epistemológicas da Periocritica

A Periocritica assenta-se em três dimensões complementares. A dimensão ontológica concebe o ser humano como um ser de relação, que se constitui na interação com o mundo e com os outros, em diálogo com a visão de Freire (1970) sobre a vocação ontológica do ser mais e com Biesta (2022) ao propor a esperança educacional como horizonte de possibilidades. A dimensão gnosiológica entende o conhecimento como processo coletivo e contínuo, resultado do encontro entre saberes prévios,

experiência social e problematização crítica, em sintonia com a *ecologia de saberes* de Boaventura de Sousa Santos (2022) e com a crítica decolonial de Mignolo (2011) e Walsh (2007). Já a dimensão praxiológica sustenta a indissociabilidade entre teoria e prática: a ação, quando analisada criticamente, produz novos saberes. Essa base retoma desde a pedagogia da práxis em Freire (1970) até as discussões contemporâneas sobre educação como intervenção transformadora da realidade.

Originalidade e diferenciação

O caráter original da Periocritica está em não se restringir ao discurso crítico, mas em oferecer um modelo metodológico estruturado que obriga o estudante a produzir, debater e reconstruir suas ideias. O diferencial reside em vincular formalmente a problematização a produtos de reconstrução (sínteses, projetos, intervenções), o que mitiga o risco frequente em abordagens críticas de encerrar-se na denúncia. É justamente essa etapa que assegura a superação da simples conscientização e da reprodução social, promovendo a justiça cognitiva como horizonte formativo.

Assim, a Periocritica se apresenta como um avanço teórico-metodológico: ao mesmo tempo em que dialoga com a tradição da pedagogia crítica, constitui uma contribuição inédita do Sul Global, oferecendo à literatura internacional um caminho inovador para articular teoria, prática e emancipação social, especialmente no contexto da cultura digital, em que a capacidade de reelaborar criticamente informações e conhecimentos é fundamental.

Implicações e Potencialidades da Periocritica

A Periocritica, concebida como sequência didática de orientação crítica, transcende a mera descrição de um processo de ensino-aprendizagem e desdobra-se em implicações e potencialidades transformadoras para diversos âmbitos da educação. Sua estrutura cíclica e seu enraizamento nas epistemologias do Sul Global a tornam uma ferramenta poderosa para enfrentar os desafios da educação contemporânea, especialmente no que tange à formação docente, à construção curricular e à apropriação crítica da cultura digital.

A Periocritica e a formação docente

A formação de professores é um campo crucial para a efetivação de qualquer proposta pedagógica inovadora. A Periocritica oferece um arcabouço teórico-metodológico robusto para capacitar educadores a transcenderem a figura do mero transmissor de conteúdo e assumirem o papel de mediadores críticos do conhecimento. Em vez de apenas ensinar técnicas, a Periocritica convida o professor a vivenciar o ciclo de produção

inicial, discussão crítica e reconstrução reflexiva, tornando-se ele próprio um sujeito em constante processo de reelaboração de saberes. Isso se alinha com a visão de Giroux (2020) sobre o professor como intelectual transformador, que não apenas reproduz o conhecimento, mas o questiona e o reconstrói em diálogo com a realidade social.

Por meio da Periocrítica, o professor é incentivado a desenvolver uma escuta ativa e sensível às produções iniciais dos alunos, a mediar discussões que promovam o confronto de ideias e a problematização da realidade, e a guiar os estudantes no processo de reconstrução reflexiva. Essa abordagem exige do docente uma postura de humildade epistemológica, reconhecendo que o saber não reside apenas em sua figura, mas é construído coletivamente. Além disso, a Periocrítica capacita o professor a identificar e valorizar os saberes do Sul Global presentes nas experiências dos estudantes, promovendo uma educação mais inclusiva e decolonial, como defendem Mayo (2021) e Boaventura de Sousa Santos (2022). A formação continuada de professores, pautada nos princípios da Periocrítica, pode, portanto, gerar um efeito multiplicador, disseminando uma cultura pedagógica que prioriza a crítica, a autonomia e a emancipação.

A Periocrítica e o currículo

O currículo, compreendido não apenas como uma lista de conteúdos, mas como um campo de disputas e construções sociais, encontra na Periocrítica um potente aliado para sua reorientação. Ao propor um ciclo de aprendizagem que parte da produção inicial do estudante e culmina na reconstrução reflexiva, a Periocrítica configura-se como uma sequência didática que favorece a articulação crítica e interdisciplinar do currículo escolar, aproximando o ensino das realidades vividas pelos alunos, sem pretender constituir-se como proposta curricular. Isso se contrapõe à lógica curricular tradicional, muitas vezes fragmentada e descontextualizada, que tende a reproduzir desigualdades, como alerta Apple (2021).

Um currículo periocrítico seria construído em torno de problemas e questões relevantes para a vida dos estudantes, permitindo que eles mobilizem diferentes áreas do conhecimento para a compreensão e a intervenção na realidade. A interdisciplinaridade, nesse sentido, não seria um mero adendo, mas uma necessidade intrínseca ao processo de reconstrução do saber. Além disso, a Periocrítica favorece a inclusão de saberes não hegemônicos no currículo, ao valorizar as experiências e os conhecimentos produzidos no Sul Global. Isso contribui para a descolonização curricular, tornando-o mais representativo da diversidade cultural e epistemológica do mundo. A Periocrítica, portanto, oferece um caminho para a construção de um currículo vivo, dinâmico e engajado com a transformação social.

A Periocrítica e a cultura digital

A cultura digital, com sua complexidade e onipresença, apresenta ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade para a educação. A Periocrítica, ao integrar a crítica como eixo central do processo de aprendizagem, oferece uma abordagem inovadora para desenvolver a literacia digital crítica dos alunos. Não se trata apenas de ensinar a usar ferramentas digitais, mas de capacitar os estudantes a analisar, questionar e intervir criticamente no ambiente *online*, transformando-os de meros consumidores em produtores e agentes de mudança.

No contexto da Periocrítica, a cultura digital pode ser utilizada em todas as etapas do ciclo. Na produção inicial, os alunos podem recorrer a ferramentas digitais para expressar seus conhecimentos prévios (como blogs, vídeos ou podcasts). Na discussão crítica, plataformas *online* podem facilitar debates assíncronos e a colaboração entre estudantes. Na reconstrução reflexiva, a produção de conteúdos digitais, como *e-books*, documentários interativos ou *websites*, pode ser uma forma poderosa de sistematizar e compartilhar os saberes construídos. Contudo, a Periocrítica também alerta para os riscos da cultura digital, como a disseminação de *fake news*, a polarização de ideias e a vigilância algorítmica, incentivando os estudantes a desenvolverem um olhar crítico sobre essas questões, como discutem Selwyn (2016) e Silva (2020).

Ao promover a apropriação crítica das tecnologias, a Periocrítica contribui para formar cidadãos digitais conscientes e engajados com a construção de uma sociedade mais justa e democrática também no ambiente *online*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo apresentar e fundamentar a Periocrítica, sequência didática concebida como resposta à ausência, identificada na literatura, de propostas críticas sistematizadas e aplicáveis em sala de aula. A revisão de clássicos e contemporâneos da pedagogia crítica evidenciou a centralidade da emancipação, do diálogo e da problematização no processo educativo, mas também revelou a lacuna de um modelo metodológico estruturado que desse forma prática a esses princípios. A discussão mostrou ainda como a noção de *indústria cultural* de Adorno e Horkheimer (1947) e a *plataformização da educação* analisada por Van Dijck, Poell e De Waal (2018) representam desafios contemporâneos que exigem uma pedagogia crítica mais robusta, capaz de promover a *justiça cognitiva* defendida por Boaventura de Sousa Santos (2022) e de avançar na descolonização do saber.

A partir dessa constatação, a Periocrítica foi apresentada como proposta metodológica do Sul Global, sustentada em três dimensões: ontológica, gnosiológica e praxiológica. Esse movimento metodológico oferece uma contribuição significa-

tiva ao campo da pedagogia crítica, ao mesmo tempo em que propõe uma ferramenta prática de intervenção educacional. A Periocritica não se limita ao discurso, mas exige práxis: a ação transformadora que se retroalimenta da reflexão crítica.

Entre as principais contribuições deste estudo, destacam-se três dimensões articuladas. A contribuição teórica, que reside na capacidade de sistematizar a pedagogia crítica, preenchendo uma lacuna na literatura; a contribuição metodológica, ao apresentar um modelo didático estruturado e replicável para o processo de aprendizagem; e a contribuição epistemológica, ao propor uma abordagem original, com raízes no Sul Global, que avança o debate sobre a educação transformadora, especialmente no que tange à apropriação crítica da cultura digital e à formação de cidadãos conscientes e engajados.

Enquanto estudo teórico, os dados analisados correspondem aos referenciais bibliográficos utilizados. A análise temática e a síntese conceitual produziram três achados principais: (a) a centralidade da crítica como eixo organizador de processos formativos, com evidências teóricas de que a mera problematização não garante reelaboração; (b) a pertinência de integrar aportes do Sul Global para sustentar justiça cognitiva e descolonização curricular; e (c) a reconstrução reflexiva como inovação didático-metodológica indispensável para transitar da denúncia ao refazimento do conhecimento. Tais achados sustentam a arquitetura da Periocritica e orientam sua futura validação empírica.

Por tratar-se de um estudo teórico-propositivo, os resultados aqui apresentados não se referem a dados empíricos, mas à sistematização conceitual da proposta metodológica. As contribuições concentram-se, portanto, na organização e fundamentação da sequência didática Periocritica e em suas potencialidades de aplicação futura em contextos educacionais.

Reconhece-se, contudo, que o estudo se limita ao âmbito teórico-conceitual, não incluindo validação empírica. Essa ausência, entretanto, abre espaço para investigações futuras em três direções principais: aplicar a metodologia em diferentes contextos da educação básica e superior, inclusive em comparação com outras metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Projetos e a Aprendizagem Baseada em Problemas; investigar seus impactos específicos na formação docente e discente em larga escala, com foco na autonomia, no pensamento crítico e na capacidade de intervenção social; e explorar sua aplicação em ambientes de aprendizagem online e híbridos, analisando como a cultura digital pode ser integrada de forma mais profunda e crítica no ciclo periocritico.

Este estudo tem caráter teórico-conceitual, mas já inspira investigações empíricas em andamento, que poderão oferecer validação prática da proposta em diferentes contextos educacionais. A consolidação da Periocritica representa, portanto, um passo significativo para o fortalecimento da pedagogia crítica e para a construção de uma educação comprometida com a emancipação humana e a justiça social.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1947.
- APPLE, Michael W. **Critical education against the grain: revisiting ideology and curriculum**. Londres: Routledge, 2021.
- BIESTA, Gert. **Reclaiming a future that has not yet been: the importance of educational hope**. Nova York: Routledge, 2022.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GIROUX, Henry A. **On critical pedagogy in dark times**. Londres: Bloomsbury, 2020.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. v. 1.
- HOOKS, bell; CARILLO, Juan. **Pedagogy as the practice of freedom revisited**. Cambridge: Harvard University Press, 2022.
- MAYO, Peter. **Critical pedagogy and the decolonial challenge**. Nova York: Routledge, 2021.
- MIGNOLO, Walter D. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2022.
- SELWYN, Neil. **Education and technology: key issues and debates**. 2. ed. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.
- VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: public values in a connective world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia*. In: WALSH, Catherine (org.). **Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. p. 21-51.